

Ecopedagogias queer e narrativas mais-que-humanas de uma comunidade de pessoas idosas LGBTI+ na Cidade do México

Queer ecopedagogies and more-than-human narratives of a community of LGBTI+ older adults in Mexico City

Ecopedagogias queer y narrativas más-que-humanas de una comunidad de personas adultas mayores LGBTI+ en la Ciudad de México

Daniel Mendizabal Castillo¹

Submetido em: 31/07/2025

Aceito em: 01/09/2025

Publicado em: 30/09/2025

RESUMO

Diante do entrelaçamento ontoepistemológico entre a teoria queer e a educação ambiental, as ecopedagogias queer emergem como uma abordagem que desafia as normatividades e abre espaço para novas reflexões sobre identidade, sexo e sexualidade no campo ambiental—um tema que, na realidade latino-americana, ainda permanece amplamente silenciado. Este trabalho investiga a prática das ecopedagogias queer com Vida Alegre, uma comunidade de pessoas idosas LGBTI+ na Cidade do México, onde, por meio da escrita autobiográfica e autoficcional, emergem histórias dissidentes que revelam processos significativos de aprendizagem-ensino para a coabitação mais-que-humana no contexto urbano.

¹ Médico veterinário y zootecnista e Doutor em pesquisa educativa, Instituto de Investigaciones Educativas-Universidad Veracruzana (México)

Trata-se de uma proposta para trazer esses outros corpos ao centro do debate ambiental, contribuindo para queerizar nossas pesquisas e imaginar outros mundos possíveis onde viver, amar e morrer sejam experiências ancoradas na diversidade. **Palavras-chave:** Ecopedagogias queer; educação ambiental; LGBTI+; mais-que-humano; velhices

ABSTRACT

Given the onto-epistemological intertwining between queer theory and environmental education, queer ecopedagogies emerge as an approach that challenges normativities and opens up space for new reflections on identity, gender and sexuality in the environmental field - a topic that, in Latin American reality, still remains largely silenced. This work investigates the practice of queer ecopedagogies with Vida Alegre, a community of LGBTI+ elderly people in Mexico City, where, through autobiographical and autofictional writing, dissident stories emerge that reveal significant learning-teaching processes for more-than-human cohabitation in the urban context. It is a proposal to bring these other bodies to the center of the environmental debate, contributing to queerizing our research and imagining other possible worlds - worlds where living, loving and dying are experiences anchored in diversity.

Keywords: Elderhoods: environmental education; LGBTI+; more-than-human; queer ecopedagogies

RESUMEN

Frente al entrelazamiento onto-epistemológico entre la teoría queer y la educación ambiental, las ecopedagogías queer emergen como un enfoque que desafía normatividades y abre espacio para nuevas reflexiones sobre identidad, género y sexualidad en el campo ambiental - un tema que, en la realidad latinoamericana, aún permanece ampliamente silenciado. Este trabajo investiga la práctica de ecopedagogías queer con Vida Alegre, una comunidad de personas mayores LGBTI+ en la Ciudad de México, donde, a través de la escritura autobiográfica y autoficcional, emergen relatos disidentes que revelan procesos de aprendizaje-enseñanza significativos para la convivencia más-que-humana en el contexto urbano. Este artículo representa una propuesta desde la educación ambiental para investigar *desde y con* estos cuerpos gerontes LGBTI+ y su potencial de recrear desde la diversidad otros mundos donde poder vivir, amar y morir desde la diversidad.

Palabras clave: Ecopedagogías queer; educación ambiental; LGBTI+; más-que-humano; vejece

INTRODUÇÃO



Entre a teoria queer e a educação ambiental

As ecopedagogias queer, conforme descritas por Joshua Russell (2013; 2021), estabelecem conexões entre a educação ambiental (EA) e a teoria *queer*². A complexidade dessas interseções interdisciplinares exige uma abordagem teórica e metodológica que permita questionar, refletir e criticar tanto as normatividades quanto as fronteiras identitárias que a própria teoria queer busca desestabilizar. No campo da EA, essas pedagogias dissidentes podem revelar novos espaços de luta e tensão que, diante da realidade socioambiental contemporânea, nos convidem a imaginar mundos mais-que-humanos, onde o ser e o estar em conjunto ganham novas possibilidades de existência (Russell, 2021).

Historicamente, nossa relação com a natureza tem sido moldada por normas heteronormativas e reprocêntricas, fundamentadas na ficção de uma suposta ordem natural (Garrard, 2010). Essa narrativa dominante resultou na exclusão de determinadas corporalidades e desejos, posicionando-os como dissidentes e antinaturais (Mendizabal Castillo & González-Gaudiano, 2023).³ Em resposta a essa imposição de contranaturalidade, as diversidades sexogenéricas buscaram na natureza um território de resistência, expressão e criação de novas formas de habitar (Morton, 2010), transformando-a em um espaço de libertação sexual e identitária — um espaço erótico e democrático onde é possível desafiar as normas hegemônicas do nosso coabitar (Mortimer-Sandilands & Erickson, 2010).

Desde um marco poscrítico, a EA e sua pesquisa (IEA) vêm reconhecendo a importância das subjetividades e das múltiplas interseccionalidades — compreendidas como a interação entre identidades diversas e seus contextos socioculturais (Stapleton, 2020; Maina-Okori et al., 2018). As experiências com a

² *Queer* é um termo originalmente pejorativo, ressignificado nos anos 1980 por ativistas LGBTI+ como símbolo de resistência à normatividade. Na América Latina, foi reinterpretado como ferramenta crítica e decolonial, reivindicando corpos e saberes dissidentes. Neste artigo, adota-se a grafia "queer", ancorada em tais ressignificações.

³ No livro *Queer Ecologies* (2010), Mortimer-Sandilands e Erickson analisam como a ciência reducionista e heterossexista historicamente associou a natureza à reprodução heterossexual, reforçando discursos opressivos sobre sexualidade e gênero por meio de uma lógica "reprocêntrica".



natureza são culturalmente mediadas por fatores como raça, classe, gênero, sexualidade, corporalidade e habilidade, o que desestabiliza a ideia de uma única história ambiental e amplia a necessidade de estratégias pedagógicas e políticas plurais frente à complexidade do mundo contemporâneo (Gough, 2013; Russell, 2021).

A partir de abordagens decoloniais, ecofeministas, multiespécie e queer, novas epistemologias vêm se construindo no campo, dando centralidade a corpos historicamente marginalizados — femininos, racializados, LGBTI+, não-humanos — como sujeitos de conhecimento (Gough & Whitehouse, 2019). No entanto, marcadores identitários como orientação sexual e identidade de gênero continuam sendo pouco abordados na EA, mesmo diante do crescente reconhecimento da diversidade (Russell et al., 2002).

Desde os primeiros chamados para queerizar a EA (Russell et al., 2002; Gough et al., 2003), passando pelas ecopedagogias queer propostas por Joshua Russell (2013), até os debates recentes sobre a relutância do campo em incorporar esses diálogos, a ausência de investigações que integrem gênero e sexualidade à EA permanece notável. Como sugerem Adsit-Morris e Gough (2021), talvez se trate de um certo “pânico escênico” diante da tarefa de articular teoria queer, pedagogia e o mundo mais-que-humano. Frente a esse desafio, este trabalho busca contribuir para essa interlocução, compreendendo a teoria queer como aliada na construção de epistemologias corporificadas, críticas e afetivas para pensar a EA em sua diversidade.

A pesquisa apresentada neste artigo é parte da minha tese de doutorado em *Investigación Educativa* na linha de pesquisa de *Educación Ambiental para la Sostenibilidad*, realizada no *Instituto de Investigaciones Educativas* da *Universidad Veracruzana*, México. Com base nos aportes teóricos das ecopedagogias queer, desenvolvi uma investigação junto à comunidade Vida Alegre (VA), composta por pessoas idosas LGBTI+ na Cidade do México. Por meio de narrativas de vida



autobiográficas e autoficcionais, coconstruímos processos de ensino-aprendizagem voltados à criação de outros mundos possíveis.⁴ As naturezas queer emergentes dessas narrativas provocaram reflexões ontológicas, epistemológicas e metodológicas que desafiam e reinventam a prática da EA frente aos desafios socioambientais atuais.

ECO-PEDAGOGIAS-QUEER

Como as experiências corporais, os desejos e os saberes emergentes dos corpos LGBTI+ podem romper com a linha tradicional da EA, a fim de descentralizar práticas que oprimem e restringem as diversas formas de vida? De que forma a exploração queer pode transgredir os caminhos hegemônicos da EA e da IEA?

No cruzamento entre teoria queer, pedagogia crítica e ecologia pós-humanista, emergem as ecopedagogias queer — no plural — como práticas educativas que buscam transgredir normatividades e reorientar nossas formas de pensar e agir em relação à natureza, ao ambiente e aos mundos mais-que-humanos (Russell, 2021). Enraizadas na desconstrução, no pós-estruturalismo e no pensamento pós-antropocêntrico, essas pedagogias revelam as contradições nos discursos sobre subjetividade, verdade e normalidade, propondo novos sentidos de existência e convivência para além do excepcionalismo humano. Ao queerizar a EA, essas práticas desafiam noções hegemônicas sobre a natureza, a ecologia, os territórios corporais e os próprios saberes, abrindo espaço para imaginar outras formas de coabitar e conhecer (Gough et al., 2021).

⁴ Villegas Salas (2023) define a autoficção como uma prática que mescla realidade e ficção de múltiplas formas: como campo de experimentação literária, forma de autorrepresentação por meio da hibridização discursiva, máscara em que autor e narrador se confundem, abordagem que desafia a dicotomia entre o real e o ficcional, e processo de autofabulação em que o autor cria uma nova identidade mantendo aspectos da real. Para a autora, trata-se de um exercício que liberta a realidade e amplia a percepção de mundos possíveis dentro do universo biográfico, sendo crucial para processos educativos e para esta pesquisa.

No âmbito das ecopedagogias queer, o termo queer é compreendido como substantivo, adjetivo, advérbio e verbo — ou seja, como uma linguagem viva que se manifesta em corpos que não reproduzem os discursos dominantes, desafiando interações normativas e abrindo espaço para práticas contra hegemônicas (Russell, 2021). Essas pedagogias propõem uma queerização do campo ambiental, rompendo com estruturas rígidas, normativas e naturalizadas em nossas pesquisas e celebrando a diversidade ontológica do mundo mais-que-humano que habitamos (Bazzul & Santavicca, 2017).

Segundo Russell (2013), as ecopedagogias queer operam a partir de dois enfoques principais de ação e conhecimento: I. Desde uma perspectiva ecofenomenológica que reinscreve o corpo na pedagogia, propondo uma prática corporificada, experiencial e sensorial do nosso habitar.⁵ Essa abordagem permite refletir criticamente sobre a construção de certos corpos como disruptivos, anormais ou antinaturais; II. Ancorado em movimentos educativos que abordam a crise socioecológica desde uma dimensão cosmológica, tecnológica e organizacional da vida. Nesse contexto, busca-se valorizar as experiências de corpos LGBTI+ de forma a garantir sua inclusão nas narrativas ambientais históricas, bem como em novas visões utópicas (Russell, 2013, p. 23, tradução própria).

Para as ecopedagogias queer, são precisamente esses corpos dissidentes — com sua capacidade de perturbação — que podem romper com os significados normativos do conhecimento e, assim, reimaginar e revitalizar a prática ambiental. Essas pedagogias, de caráter político, ecológico e corporal, oferecem a potência de “dançar nos limites do conhecido e desconhecido” (p. 10), abrindo caminhos para questionar, romper e reinventar noções de tempo, espaço, equilíbrio, vida e morte (Russell, 2021).

⁵ A ecofenomenologia articula a fenomenologia com o pensamento ecológico, explorando como percebemos e nos relacionamos corporal e sensivelmente com o mundo mais-que-humano. No campo da EA, oferece uma base experiencial e crítica para repensar a relação entre sujeito e natureza (Merleau-Ponty, 2004; Toadvine, 2009; Payne, 2013).

VIDA ALEGRE

“O abandono e a solidão são os piores inimigos da pessoa idosa LGBTI+.” Essa frase, tantas vezes repetida por Samantha Flores —fundadora da VA— e por outras vozes da comunidade, resume a origem e o espírito deste projeto. Com 92 anos e uma trajetória marcada pela luta como mulher trans, Samantha criou em 2017 a associação civil *Laetus Vitae*, com o objetivo de combater esses dois grandes inimigos que atravessam as velhices dissidentes: o abandono estrutural e a invisibilidade.

Em menos de seis anos, *Laetus Vitae* — mais conhecida como Vida Alegre — se consolidou como uma referência no México e na América Latina no acompanhamento de pessoas idosas LGBTI+. Desde sua abertura, em 10 de julho de 2017, a associação tem visibilizado essa comunidade, suas histórias, desafios e desejos. Por meio de atividades recreativas, culturais, educativas e espirituais, assim como acompanhamento médico e psicológico, VA constrói cotidianamente novas formas de envelhecer a partir do cuidado coletivo, da afetividade e da resistência. Em colaboração comicineiros, organizações civis e universidades, tem criado um ambiente onde a diversidade não apenas é nomeada, mas celebrada como forma de habitar o mundo.

Mas VA é mais do que um centro de convivência. É um lar comunitário, tão plural quanto as trajetórias que o compõem. É um espaço onde as identidades de gênero e sexualidades — normativas ou não — convivem e dialogam, e onde as memórias de habitar a cidade se cruzam com a experiência do envelhecimento e a busca por formas alternativas de ser no mundo. Nesse lugar, a palavra comunidade adquire sentidos materiais, afetivos e políticos.

Meu encontro com VA foi fruto do acaso. Aconteceu na sexta-feira, 15 de outubro de 2021, durante uma visita à Cidade do México. Fui até Manos Amigues, um refeitório comunitário e centro cultural inicialmente voltado à população LGBTI+.



localizado no bairro da Guerrero. Após um contato prévio pelas redes sociais, marquei uma reunião com Vincent, responsável pelo espaço e sacerdote no bairro da Roma. Interessado em questões ambientais, Vincent me falou sobre seu sonho de desenvolver uma horta, captação de água da chuva, compostagem — enfim, “uma comunidade LGBTI+ sustentável”. No entanto, percebemos que os objetivos de Manos Amigues não estavam completamente alinhados com minha proposta de pesquisa. Foi então que mencionou sua colaboração com Laetus Vitae e me convidou para a reabertura do espaço no dia seguinte, após o fechamento forçado pela pandemia.

No sábado, 16 de outubro, cheguei à Rua Xola 184B, no bairro Álamos. Ali conheci Juan, colaborador da VA, com quem comecei a limpar e arrumar o espaço. Pouco a pouco, as pessoas começaram a chegar. A sala se encheu de abraços longos, olhos brilhando por trás das máscaras e palavras carregadas de afeto. A casa voltava a pulsar após 18 meses de portas fechadas. Sentei-me timidamente em uma das cadeiras do círculo que se formava. Aos poucos, começaram a me perguntar quem eu era e o que me levava até ali. Compartilhei que era um homem gay, originário de Cuajimalpa, veterinário e estudante de pós-graduação em EA. Falei sobre meu interesse em explorar a relação entre natureza e sexualidade a partir da EA, e sobre meu desejo de colaborar com eles.

Durante essa conversa surgiu a palavra antinatural. “Antinatural não”, disse com firmeza e doçura Ginesandriu, sentada ao meu lado. “Podemos até não ser normais, mas natureza nós somos.” Assenti, sabendo que naquele gesto algo nascia. Foi nesse momento que anunciaram a chegada de Samantha. Subimos ao segundo andar e conversei com Juan sobre a possibilidade de realizar oficinas no espaço. Ele demonstrou interesse e me explicou os princípios da colaboração: gratuidade, horizontalidade e reconhecimento do trabalho da casa.

Quando voltamos ao térreo, a festa já tinha começado. Havia café, pão doce, vinho, música e dança. Sentei-me ao lado de Samantha, cuja presença irradiava



história e dignidade. Enquanto conversávamos, escutávamos relatos de medo, isolamento e dor durante a pandemia — mas também uma firme convicção: “Temos que nos acostumar com essa nova normalidade. Não tem outro jeito. Não vamos ficar trancados para sempre”, disse ela. Todos assentiram. Naquela manhã, a casa celebrava sua reabertura. Uma comunidade fragilizada, mas viva. E eu, emocionado com o acolhimento, me despedi com a promessa de voltar.

Esse dia marcou o início deste trabalho. Não como um simples campo de estudo, mas como uma comunidade com a qual se construiu, a partir do afeto, da confiança e da escuta, um processo investigativo situado, encarnado e profundamente compartilhado.

MÉTODO

Diante do contexto anteriormente apresentado, surgiu a oficina de escrita autobiográfica e autoficcional intitulada *Ciudad, memoria y otras naturalezas*, realizada com a comunidade VA entre maio de 2022 e março de 2023. Essa oficina foi concebida como um projeto ecopedagógico queer, com o objetivo de reconhecer mediante a escrita o ambiente humano, não humano e mais-que-humano vivido por essa comunidade de pessoas idosas LGBTI+ — um ambiente ao mesmo tempo ecológico e social, no qual as narrativas de vida pudessem revelar outras formas de ser e estar na cidade.⁶

Para compreender essas histórias, a pesquisa adotou uma abordagem narrativa-fenomenológica que permitiu recuperar as histórias de vida de esta comunidade.⁷ De um lado, exploraram-se relatos humanos centrados nas memórias

⁶ Timothy Morton (2007), em *Ecology Without Nature*, propõe o conceito de *ambience* como alternativa à ideia tradicional de “natureza” como algo puro e separado. Em vez disso, o ambiente é entendido como uma atmosfera envolvente e relacional, que desafia a separação entre sujeito, objeto e entorno, abrindo caminho para uma ecologia material, afetiva e descentralizada.

⁷ Neste artigo, os termos “história” e “relato” são usados de forma intercambiável para se referir às narrativas escritas produzidas nas oficinas com a comunidade de Vida Alegre. Com base em Bolívar e Domingo (2016) e Bruner (1987),



de nascer, crescer e envelhecer como pessoas LGBTI+ na Cidade do México, com atenção aos processos educativos implicados na construção de mundos. De outro lado, por meio da autoficção, foram criadas narrativas não-humanas que permitiram ampliar ainda mais a perspectiva queer, atravessando os limites do humano e explorando o ambiente urbano a partir de outros corpos: o da ratazana, da pomba, da barata e do dente-de-leão. Cada um desses seres representou um evento narrativo que convidou à reflexão sobre nossos vínculos mais-que-humanos com os mundos de vida não-humano da cidade.⁸

Com base nos quatro existenciais da fenomenologia — corporalidade, espacialidade, temporalidade e relacionalidade —, foram realizadas estratégias educativas de construção narrativas dos mundos dos participantes de VA.⁹ Essas categorias serviram como guia analítico para interpretar as histórias produzidas, resultando em uma série de narrativas organizadas em colagens textuais para expressar a complexidade ecossocial dessa comunidade e sua interação com o ambiente urbano mais-que-humano.

O processo de construção da metodologia da pesquisa —desde o desenvolvimento e a aplicação das oficinas até a análise contínua dos resultados narrativos— foi guiado por dois conceitos centrais da teoria queer: a desidentificação (Muñoz, 1999)¹⁰ e a desorientação (Ahmed, 2006)¹¹. Esses referenciais permitiram

a narrativa é entendida como um modo de organização e significação da experiência humana, essencial para construir sentidos sobre a vida e a coletividade.

⁸ O conceito de mundo da vida (*lebenswelt*), formulado por Husserl (1917), refere-se à experiência subjetiva e sensorial do cotidiano, anterior à abstração científica. Segundo Rich et al. (2013) e Van Manen (1997), esse mundo se estrutura por meio de quatro existenciais: corporalidade, espacialidade, temporalidade e relacionalidade, elementos fundamentais para compreender como habitamos o mundo.

⁹ Para uma descrição detalhada das estratégias metodológicas e educativas aplicadas com a comunidade de Vida Alegre — centradas na escrita autobiográfica como prática de construção narrativa dos mundos corporificados — ver: Villegas Salas, L. I. & Mendizabal Castillo, D. (2025).

¹⁰ O conceito de desidentificação foi desenvolvido por José Esteban Muñoz em sua obra *Disidentifications: Queers of Color and the Performance of Politics* (1999), como uma estratégia performativa utilizada por sujeitos dissidentes — especialmente pessoas queer racializadas — para negociar com os discursos dominantes que moldam a identidade. A desidentificação não implica nem uma assimilação nem uma rejeição total desses discursos, mas sim um reposicionamento crítico “com e contra” eles, a fim de transformá-los desde dentro. Trata-se de uma prática estética, afetiva e política de resistência, reapropriação e reinscrição do eu fora dos marcos normativos da cultura hegemônica.

¹¹ O conceito de desorientação foi desenvolvido por Sara Ahmed em seu livro *Queer Phenomenology: Orientations, Objects, Others* (2006). A autora propõe a desorientação como uma ferramenta analítica e experiencial para compreender como os corpos desviantes — especialmente os corpos LGBTI+ — se deslocam das linhas normativas



abordar os relatos de vida que atravessam o ciclo vital —do nascimento à velhice— como narrativas corporais atravessadas pelo desejo, pela memória e pela resistência.

A escrita autobiográfica possibilitou a materialização dos processos de subjetivação e dessubjetivação vividos por essas pessoas, evidenciando o potencial pedagógico de suas experiências. A partir de suas corporalidades, relacionais, espaciais e temporais, foi possível reconstruir o ambiente de um sujeito narrativo outro — coletivo, situado e dissidente.

Para os ambientes não-humanos, foi proposto um exercício semelhante, em que o tempo, espaço, relações e corpo foram analisados com o intuito de revelar percepções, afetos e sensibilidades presentes nos encontros entre esses corpos humanos e os demais habitantes urbanos. Relatos sobre o desejo de esmagar uma barata, envenenar um rato, correr atrás dos pombos ou soprar as sementes de um dente-de-leão compõem esse conjunto de narrativas. Nessas histórias autoficcionais, esses seres deixam de ser apenas objetos e passam a ocupar um lugar de desejo e de relação, permitindo conectar corporalidades diversas dentro de um mesmo ecossistema urbano.

As histórias coletivas produzidas durante a oficina se tornaram ponto de partida para uma percepção ecossocial e mais-que-humana dos mundos de VA. As colagens narrativas elaboradas revelaram, a partir das ecopedagogias queer, a potência educativa dos encontros entre nossos mundos urbanos e os possíveis devires que habitamos e podemos vir a habitar. A **Figura 1** apresenta uma síntese do percurso metodológico.

que organizam o espaço, os afetos e os desejos. Desorientar-se significa desafiar as direções herdadas e sedimentadas pela heteronormatividade, criando possibilidades de habitar o mundo, desejar e se relacionar. A desorientação queer abre caminhos oblíquos e não lineares, nos quais o reconhecimento de si é vivido não como ruptura, mas como chegada a outros mundos possíveis.



Figura 1 – Percurso metodológico

Elaboração própria (2025)

RESULTADOS/DISCUSSÃO



Diante da questão: quais são os processos de aprendizagem e ensino que os corpos LGBTI+ experienciam por meio de uma prática das ecopedagogias queer, e como esses processos se convertem em conhecimento para o campo da EA? A seguir, compartilho os resultados da vivência ecopedagógica queer com VA, explorando como, a partir de uma perspectiva metodológica, epistemológica e ontológica, a escrita autoficcional, o corpo idoso LGBTI+ e o ambiente urbano contribuíram para a queerização da EA.

Nesse sentido, as ecopedagogias queer ofereceram um campo fértil para desnaturalizar as formas tradicionais de pensar a EA, abrindo caminho para a irrupção de outras vozes, temporalidades e sensibilidades. A escrita narrativa permitiu habitar a oficina como um espaço-tempo de produção afetiva, onde o pedagógico emergiu da experiência compartilhada, do desejo e da memória encarnada num mundo mais-que-humano. Por meio das histórias de vida, evidenciou-se como os corpos LGBTI+ idosos configuram um saber ambiental situado que desafia as lógicas dominantes de exclusão, etarismo e cisheteronorma, produzindo conhecimentos ecosociais que ampliam os horizontes da EA crítica.

Metodologias queer da VA

A presente investigação se fundamenta em uma metodologia narrativa queer que busca descentralizar os discursos normativos da EA e abrir caminhos para outras formas de conhecer, sentir e habitar o mundo. A proposta parte do entendimento de que os corpos LGBTI+ — especialmente aqueles atravessados pela velhice, pelo desejo e pela exclusão — são portadores de saberes vitais que foram historicamente ignorados pelos marcos hegemônicos de produção de conhecimento. Nesse sentido, a oficina *Ciudad, memoria y otras naturalezas*, desenvolvida em colaboração com a comunidade de pessoas idosas LGBTI+ do centro VA, na Cidade do México, foi tanto um espaço pedagógico quanto um



laboratório ecosomaestético¹² para pensar o ambiental a partir de experiências sensíveis, corporais e dissidentes.

A metodologia foi construída com base nas contribuições da teoria queer, particularmente a partir dos conceitos de desidentificação (Muñoz, 1999) e desorientação (Ahmed, 2006). Esses referenciais permitiram explorar rotas não normativas de construção do sujeito e do mundo, afastando-se das lógicas binárias e reprodutivas: a desidentificação operou como uma estratégia crítica que possibilitou a escrita de vidas fora dos moldes de reconhecimento cisheteropatriarcal, enquanto a desorientação permitiu pensar outros modos de percorrer espaços, habitar corpos e se relacionar com o entorno mais-que-humano. Por meio desses conceitos, a escrita tornou-se uma ferramenta pedagógica e política de subjetivação, mas também de dessubjetivação: um espaço onde a memória, o desejo e a imaginação puderam entrelaçar narrativas alternativas do eu e do ambiente.

Ao longo de quase dez meses de trabalho de campo, foram construídos um total de 89 relatos pelos participantes da oficina. O desenho metodológico original previa que cada pessoa escrevesse doze relatos, distribuídos em três momentos: (i) histórias humanas, (ii) encontros entre mundos humanos e não-humanos, e (iii) histórias não-humanos. No entanto, devido às adversidades do contexto comunitário, às condições físicas e emocionais dos participantes e às sequelas do confinamento provocado pela COVID-19, nem todos conseguiram completar o ciclo completo de escrita. Essa situação foi abordada metodologicamente a partir de uma perspectiva ética, flexível e situada, reconhecendo que as ausências também são narrativas, e que a incompletude pode ser um gesto de resistência diante das exigências lineares da produção acadêmica.

¹² O conceito de ecosomaestética busca reintegrar o corpo, o estético e o afetivo à experiência ambiental (Iared, 2015; Payne, 2013; Andrade da Silva et al., 2020). Essa abordagem propõe romper com a tradição cartesiana do sujeito separado do mundo, valorizando as dimensões sensíveis, perceptivas e afetivas da existência situada em contínua relação com o ambiente. A atenção à experiência ecosomática permite uma reaproximação com o mundo vivido, favorecendo a sensibilização ambiental e reconhecendo a alteridade para além da racionalidade.



Em termos metodológicos, a oficina operou a partir de uma lógica autobiográfica e autoficcional, na qual a escrita de si foi entendida como um ato performativo de reconfiguração da experiência. Inspirado nas proposições de Jerome Bruner (1987, 1991), o ato de narrar foi assumido como uma forma de pensamento e de conhecimento, que permite ordenar acontecimentos e conferir sentido ao mundo vivido. Os exercícios de escrita propiciaram o trânsito por diferentes temporalidades — passado, presente, futuro —, bem como a ativação de memórias sensoriais, espaciais e afetivas. Esses textos foram lidos, compartilhados, corrigidos e comentados coletivamente, construindo-se assim um arquivo coral de experiências, desejos e saberes que transcendem a perspectiva individual para configurar um sujeito narrativo coletivo e situado.

A análise dos relatos foi realizada em paralelo à sua produção, com base nas quatro dimensões existenciais da fenomenologia: corporalidade, relacionalidade, espacialidade e temporalidade. Esses eixos permitiram compreender como os mundos narrativos são tecidos a partir dos corpos que os enunciam, de suas relações com os outros, outras e outres, de suas formas de habitar o espaço e das memórias que os constituem. As histórias reunidas revelaram não apenas os múltiplos modos como os participantes experienciaram a cidade, a natureza e o envelhecimento, mas também revelaram uma ecologia afetiva e política que resiste à invisibilização e ao apagamento.

Através dessas escritas, configurou-se o que Timothy Morton (2007) denomina *ambience*: esse ambiente sempre presente e encarnado nas coisas físicas do mundo, mas que frequentemente nos escapa por seu caráter etéreo e anamórfico. Os relatos produzidos na oficina nos permitem vislumbrar um ambiente ecossocial que não se limita à paisagem ou ao entorno físico, mas que se manifesta como uma atmosfera sensível atravessada pela memória, desejo, dor, alegria e imaginação. Nesses textos, o ambiental se revela como algo além do “lá fora” da natureza:

apresenta-se como um campo estético e afetivo onde se reconfiguram os vínculos entre o humano e o não-humano, o visível e o velado, o vivido e o possível.

Em síntese, a metodologia aqui desenvolvida propõe uma prática ecopedagógica queer que faz do corpo, da escrita e da relacionalidade suas principais ferramentas para pensar a EA desde uma perspectiva crítica, situada e dissidente. Esta aposta metodológica não apenas tensiona os marcos dominantes de produção de conhecimento, mas também habilita outras formas de investigar, educar e estar no mundo — a partir das margens, com as margens e além delas.

Epistemologias queer da VA

Como já mencionado, neste ensaio a natureza é compreendida como uma construção social problemática, na qual nossa relação com ela tem se baseado em normas e práticas ficcionais de uma ordem natural heteronormativa (Garrard, 2010; Gaard, 1997; Mortimer e Sandilands, 2010). A natureza como construção social heteronormativa –sustentada durante mais de um século pela biologia, psicologia e moral– tem levado e leva às diversidades sexogenéricas serem construídas como anti e contranaturais. Somo a alteridade da natureza que, segundo as ecologias queer já é por si mesma outra. (Mendizabal Castillo, D., e González Gaudiano, E. 2024).

Diante do anterior, na pesquisa com VA o *regime heterossexual da natureza* aparece continuamente ao longo das vidas. Nos relatos dessa comunidade, seu domínio começa nos primeiros anos da infância e adolescência —no contato com o próprio corpo e com o dos outros— e se estende até a contemporaneidade e aos diversos processos de envelhecimento.

A partir da ignorância e da anormalidade aprendidas por instituições como a família, a escola, o trabalho, a religião e a ciência, os desejos desses corpos são vividos como se estivessem fora das leis da natureza. Primeiros momentos de se aprender como contranatural: “Santo Deus, ele me deu meu primeiro beijo e



instaurou em mim o desejo... meu destino havia descoberto um desejo, sim, um desejo contranatural”, relata Omar em sua experiência de desidentificação durante uma brincadeira de casinha aos oito anos, quando o Betito, seu vizinho, deitou-se sobre ele e lhe deu um beijo “como os esposos fazem”.

Algo semelhante ocorreu com Anel, que contou sobre o início de sua vida como travesti aos sete anos, quando, brincando de comidinha com primos e uma prima decidiu usar vestido e salto alto pela primeira vez. “Ela [a prima] disse que eu deveria ser sua irmã e, por isso, deveria ser menina, então me vestiu com seu vestido e seus sapatos. O que no início parecia uma brincadeira, depois me causou um conflito de identidade.” Um destino marcado por um desejo contranatural que gera vulnerabilidade nos corpos vividos e que, em retrospectiva, se apresenta como conflito identitário.

Na nação heterossexual (Curiel, 2013) —ou no conjunto família-escola-trabalho-religião-ciência segundo os relatos de VA— as leis da natureza são constantemente ensinadas e reforçadas; às vezes de forma sutil outras vezes mais violenta, mas sempre deixando marcas nas suas corporalidades “Meu corpo me pedia para tocar outro corpo semelhante ao meu. A sensação que experimentei quando outro manipulava meu pênis me fazia querer repetir. Descobri algo que me dava prazer, mas por quê? Depois da experiência, sentia que era algo sujo”, relata Jesús.

O entendimento do desejo como contranatural e a persistente tentativa de sua naturalização levam esse corpo LGBTI+ a se desconhecer e a se identificar com o abjeto da vida. “Estou preso em um espaço que frequentemente me aprisiona, me refugiei na escola e depois no trabalho. A religião me dizia que viver minha preferência era algo ‘ruim’, por isso o socialmente aceito era trabalhar o dia todo”, escreve novamente Jesús sobre a desorientação causada por entrar e sair do armário repetidamente ao longo da vida.

Corpos LGBTI+ que a partir das leis da natureza, entendem seu desejo como contranatural —a ponto de querer apagar seu próprio nome e identidade— e são levados a experimentar as vulnerabilidades dessas *leis* na própria corporalidade. Mundos de vida que se encontram continuamente em tensão com a verdade da natureza e com a obrigação de confessá-la, sendo essas mesmas verdades marcadas e encarnadas no corpo que geram dúvida, confusão e negação.

O corpo torna-se sujo, doente e mau, e sob o olhar dos sistemas de desconhecimento essa corporalidade é obrigada a se negar. “Apaixonado por um homem e ainda por cima mal correspondido! Como eu ia contar isso para minha mãe? Chorava e chorava no meu quarto... Como contar aos meus amigos mais próximos? Iam parar de falar comigo? Como deixar de ser assim?”, relata Arturo sobre sua experiência de desidentificação quando, aos 18 anos, posou nu para um amigo do ensino médio e sentiu um desejo que tentou erradicar pagando a um hipnoterapeuta que prometia curar seu “mal emocional”.

Esse processo de confissão do desejo contranatural —para si mesmo e para os outros— representa uma das estratégias de sujeição exercidas pelo regime natural que condiciona o gênero e a sexualidade. Uma ferramenta tão eficiente que, mesmo na velhice, continua mantendo essa comunidade dentro de um armário solitário. “Com 72 anos, homossexual, sozinho, com minha mãe quase com 90 anos, aposentado, sem atividades e sem me assumir abertamente como gay. Para mim, era difícil contar à minha família sobre minha homossexualidade, e até hoje ainda não contei” (Pau). Ao longo dessas vidas, o regime da verdade natural se torna condicionante para o exercício de poder sobre esses corpos e afetos.

Seguindo os conhecimentos das ecologias queer e a problematização da natureza, é a partir desses corpos não normativos —aprendidos como contaminados e doentes— que se pode experimentar, imaginar e aprender outros significados do que é natural (Mortimer-Sandilands e Erickson, 2010). Por meio do desafio e da ruptura com pensamentos, comportamentos e organizações, essas

corporalidades construíram outras naturezas para habitar a sexualidade e a identidade; *naturezas queer* emergentes do desejo e do erotismo que conduzem a práticas de agenciamento e democratização; ecologias queer encarnadas em espaços materiais e simbólicos a partir dos quais novas formas de habitar são recriadas (Garrard, 2010; Kaishian e Djoulakian, 2020; Morton, 2010).

Nas narrativas de VA, há um constante diálogo entre o dever ser natural e normal, e o ser anormal e contranatural. Relatos de vidas que evidenciam a intrincada relação entre o sistema sexo-gênero e a organização da natureza; uma relação que no convívio dissidente leva à criação de outras naturezas a partir das quais se reconhecer. Diante da descorporificação de seu conhecimento pelo sistema cisheteronatural, os corpos LGBTI+ precisam aprender-se e ensinar-se desde outras naturezas que permitam seu convívio.

“Podemos não ser normais, mas natureza somos”, disse bem Ginesandriu naquele primeiro dia em que a conheci em VA. A partir de suas vivências como pessoa intersexo na CDMX, os relatos de Ginesandriu reconhecem uma identidade entendida como anormal desde a infância, mas que, em sua ação dissidente, também se aprende a partir das outras naturezas da zoociedade. “Na minha trajetória, nunca senti que precisei me esconder... Me comportei do meu jeito natural, sem ser normal, não encontrei oposição suficiente para ter que me esconder. Minha mãe adorava me vestir de azul, e agora odeio azul por causa da imposição. Eu uso o que quiser.” Um corpo intersexo nomeado como anormal pela ciência, pela família e pela nação mexicana, mas que em sua transgressão e ruptura enquanto corporalidade dissidente se reconheceu em sua plena naturalidade.

Para Ginesandriu, nascer como bebê intersexo não a impediu de construir uma natureza própria para resistir. Foram 74 anos de uma vida privada de identidade – sendo apenas em outubro de 2023 que conseguiu registrar sua certidão de nascimento pela primeira vez— que a levaram a precisar imaginar outro corpo-espaco-tempo-relações próprios onde pudesse coexistir.



Outros relatos de VA também evidenciam os diversos contra conduta exercidos por esses corpos para subverter seus desejos contranaturais e se reconhecerem dentro das próprias desordens naturais. A partir dos processos de desidentificação e desorientação a verdade da natureza cisheteronormativa é colocada em xeque, abrindo espaço para estratégias de aprendizagem voltadas à reconstrução de mundos. Em todo o seu habitar, as desidentificações e desorientações desses corpos dissidentes —motivados pelo desejo corporal, erótico e carnal— desafiam as leis da natureza normal para criar outras relações, espaços e tempos em que possam pertencer.

Ontologias queer da VA

Trans-corporeidades, ser ratazana

Uma ratazana velha e pelada que nem o gato pelava, que Vicky observa da sua janela enquanto se recupera de uma cirurgia no pé que a faz refletir sobre sua depressão e incapacidade de se valer por si mesma; uma ratazana medrosa correndo rente ao chão fugindo perante as incertezas da vida na qual Jesús se transforma após sofrer um acidente de bicicleta; uma ratazana que permanece escondida em um buraco até o amanhecer que desde o repúdio permite que Arturo escape dos golpes de um grupo de homens que o assedia em sua unidade habitacional.

É nessas histórias que a vulnerabilidade do corpo se apresenta como detonante para a desidentificação da própria humanidade. Um corpo imóvel que caminha devagar e com dificuldade, um corpo ferido que observa um líquido avermelhado banhar sua boca e bochechas, um corpo machucado que se rende a golpes impiedosos da sociedade homofóbica. Histórias sobre corpos orgânicos e materiais —reconhecidos desde a fragilidade e indefesa— que negam sua condição humana e escapam da vulnerabilidade. Esse corpo quer não ser visto, quer fugir, quer desidentificar-se. Precisa de outro corpo.



Assim, Arturo, Vicky e Jesús deixam de ser humanos e se *transcorporizam*. Tornam-se pequenos, a pele que um dia foi lisa se cobre de pelos, os braços e mãos se tornam quatro finas extremidades e os bigodes e orelhas crescem. Agora é uma ratazana. Um outro novo corpo que também foge, corre e se esconde da vulnerabilidade do ambiente.

Não quer ser visto, torna-se urbano desde as sombras sem saber com certeza o motivo de sua fuga. A vulnerabilidade do corpo LGBTI+ transcende a transcorporalidade não-humana; a morte ainda o persegue, agora representada pelos colmilhos de um felino. Do ser ratazana ou do ser humano, o corpo na cidade ainda se narra vulnerável.

Trans-relacionalidades, ser pomba

Uma pomba errante, ferida e dolorida caminhando sozinha entre carros e multidões, que desde a história de Pau chega a um novo lar que lhe oferece proteção e cuidado, permitindo-lhe continuar voando e cicatrizar aquelas antigas feridas; uma pomba que na narrativa de Omar se reconhece em sua plenitude e beleza e se torna parte de um novo pombal que o ensina a existir; uma pomba aposentada como conta Ana Laura quem após ser apedrejada e espantada encontra um lugar seguro durante a pandemia que lhe oferece confiança; uma pomba que na história de Jesús o leva a pensar na metáfora do pombal com a comunidade LGBTI+.

Essas narrativas não humanas contaram histórias sobre a chegada a VA, comunidade que, por meio da autoficção, se transformou em bando e pombal. “Meus pensamentos viajam à semelhança que poderia haver com a comunidade LGBTI+ —gostar da companhia, pertencer a um grupo. Além disso, em sua sociedade elas não rejeitam os que são minoria por terem uma cor de penas diferente, pois sem elas— sua vestimenta — seriam todas iguais”, relatou Jesús.

A partir do ser pomba, esses corpos atravessados pelo envelhecimento são narrados desde o esquecimento e a solidão; corpos idosos que habitam um mundo que os magoa e exclui, mas que continuamente buscam pertencimento e



comunidade — “quando você já é aposentada, precisa ter atividades, aprender novas coisas e conhecer outras pombas” — menciona Ana Laura. Histórias de quatro humanos errantes que, após sua transição a pomba, se encantam novamente com seu próprio corpo e se surpreendem com o prazer que ele pode proporcionar. “Não imaginei que iria gostar tanto das minhas asas e de todo meu corpo. Me senti mais leve”, narra Omar.

É a partir do próprio corpo, de suas dores e de sua beleza, que essas três pombas protagonistas se reconhecem em um mundo em interação e continuidade com uma comunidade. A chegada a VA representou a esperança de encontrar esse novo lar. Enquanto observavam de fora o ambiente desse pombal, nas quatro histórias é narrada a dúvida inicial dessas pombas — “não sabia se seria bem recebida naquele lugar onde havia muitas pombas mais velhas, algumas ainda fortes e outras que precisavam de bengalas”, escreve Pau. Contudo, é após seu encontro direto com VA, do acolhimento com sorriso, que as dúvidas se dissipam e essas três pombas começam a fazer parte do que agora é um novo lar.

Trans-espacialidades, ser dente-de-leão

Um dente-de-leão espectador de uma vida dupla e de suas contradições eternas que, como narra Aria, “surfa as correntes entre as estruturas visíveis e invisíveis que determinam as identidades e as injustiças, levando assim a reconhecer as angústias e confusões de um segredo essencial e de seus rituais vergonhosos”; uma semente de dente-de-leão narrada por Ginesandriu, que após “um eflúvio ascendente torna-se testemunha dos primeiros flertes de encontros casuais físicos, manuais e corporais na laje das casas vizinhas, chegando a transgredir as barreiras divisórias materiais para começar a explorar suas corporalidades safadas”.

É nessas histórias que o dente-de-leão se torna coprotagonista nos processos de desorientação e desidentificação dos narradores. Sua ampla espacialidade material lhe permite alcançar o topo de um edifício para encontrar dois corpos



infantis que transgredem as normatividades e naturalidades do desejo, como relata Ginesandriu. E enquanto sua espacialidade subjetiva torna-se testemunha e acompanhante da transição de Aria e de seu reconhecimento como mulher trans, convidando-a a apropriar-se de sua bandeira de desobediência. “O que te fez trocar as sombras pela exposição pública? Como você conseguiu decidir-se a encará-los sem nenhuma vergonha?”

Assim, o dente-de-leão é narrado como um transgressor entre o público e o privado, o interior e o exterior, o consciente e o inconsciente, o humano e o não-humano. Um desobediente espacial. Um dente-de-leão que, a partir de sua espacialidade, atua como cúmplice de vidas marcadas pela dúvida e pelo segredo do desejo dissidente.

Trans-temporalidades: ser barata

Uma barata caminhando no chão de uma cela suja e escura na qual a *razzia*¹³ aprisiona Korina e outras mulheres trans, posteriormente são estupradas por um grupo de seis homens levando-a a se sentir refletida naquela barata suja, fedorenta, repugnante e pisoteada com a qual compartilha o desconforto da prisão; uma barata que aparece no aniversário de 16 anos de Anel onde após o encontro com sua vizinha por quem estava apaixonado, a angústia e o nervosismo do primeiro beijo o fazem perder sua humanidade para dar lugar à de “um inseto de aparência marrom e patas curtas, rápidas no andar, longas antenas que se movem pela calçada produzindo nas pessoas medo, nojo e repulsa.”

A espera de que um beijo aconteça ou a espera para que um estupro passe. É a partir da temporalidade dessas histórias que o corpo, ao se apresentar em uma situação de angústia e desconforto – “que se sente como se o tempo não passasse” narra Korina– leva esses corpos dissidentes a se perceberem na vulnerabilidade do tempo e a transicionar.

¹³ No México, “razzia” refere-se a operações policiais que detêm de forma massiva e arbitrária pessoas, comumente direcionadas a populações vulneráveis como pessoas LGBTI+ ou trabalhadoras sexuais, especialmente entre as décadas de 1970 e 1990, reproduzindo violência institucional.

O que se quer? Deixar de ser humano para tornar-se nojo e repulsa. Transformar-se em uma barata para assim desejar e deixar de ser desejado; poder se esconder, fugir e correr rapidamente para os esconderijos da parede. Este corpo não-humano agora se torna sujeito de algo mais que a velocidade, de uma outra temporalidade.

A partir da vulnerabilidade do corpo humano nas histórias narradas por Korina e Anel, o tempo deixa de ser cronológico e agora é percebido a partir de sua subjetividade. A espera de que um beijo aconteça e a espera para que um estupro passe. O que são minutos se sentem como horas. O que são minutos se sentem como segundos. O tempo parece eterno e ao mesmo tempo tão curto. O cronológico já não existe mais e, em seu lugar, as histórias adquirem uma temporalidade que se torna dependente da subjetividade.

O corpo humano se torna sujeito diante deste outro tempo não-humano, o tempo da barata. Os minutos, segundos e horas deixam de existir, a temporalidade narrativa agora é marcada por seus efeitos sobre o corpo e pelo pânico que esses produzem. A chegada do beijo e a separação dos corpos, o repouso e o desconcerto após a violação do corpo. Voltar no tempo, voltar a ser humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÕES

Ecopedagogias queer na América-Latina

Como concluir uma pesquisa na qual a indagação contínua gerou — e ainda gera — mais e mais perguntas e incertezas? Seria possível encerrar e delimitar esta ecopedagogia queer que apenas começa a tentar se posicionar no campo ambiental latino-americano? De que forma os vazios, tão presentes nesta investigação, podem nos revelar possibilidades para outras práticas educativas no campo da EA?

Esta pesquisa dá continuidade às discussões iniciadas por Joshua Russell (2013; 2021) e por outros estudiosos das ecopedagogias queer, buscando aplicar, a partir de uma perspectiva latino-americana, teorias majoritariamente



desenvolvidas no Norte Global ao longo de mais de duas décadas por educadores ambientais. Mais do que esclarecer dúvidas sobre a intersecção entre a EA e a teoria queer, o estudo levantou novas perguntas que ainda carecem de aprofundamento.

A vivência ecopedagógica queer proporcionada pela oficina *Ciudad, memoria y otras naturalezas* permitiu elaborar, criar, analisar, escrever, ler e refletir coletivamente sobre o ambiente ecossocial da comunidade VA. Esse processo tornou visíveis as desidentificações e desorientações — humanas e não-humanas — que nos ajudaram a perceber a dimensão mais-que-humana da convivência urbana. Ao transcender uma visão normativa e restritiva da natureza, foi possível refletir sobre as ecopedagogias queer e os ensinamentos que os corpos dissidentes têm a oferecer à EA.

Diante disso, proponho um deslocamento pedagógico para reconhecer esses outros mundos possíveis dentro da EA. Questionar nossas formas de conhecer, habitar e nos relacionar como humanos, problematizando as verdades absolutas que moldam nossos corpos e afetam nossas formas de vida. É urgente romper com os modelos educativos que nos afastam de nós mesmos e da natureza que nos cerca. Precisamos cultivar outras formas de existência — corporais, sensíveis, relacionais — que nos libertem da visão ideológica e normativa da natureza, permitindo-nos reconhecer nossa integração e interdependência com o mundo em sua totalidade.

Desde as margens, as ecopedagogias queer latino-americanas se propõem como uma aposta política e epistemológica para revelar novos sujeitos e objetos de investigação que rompem com as estruturas rígidas e normatizantes das identidades. Trata-se de ecopedagogias enraizadas em nossas realidades territoriais e afetivas, que reconhecem as múltiplas agências — humanas e não humanas — a partir da diversidade, da alteridade e da interdependência, abrindo possibilidades para imaginar outras formas de ser, estar e habitar o mundo. São também ecopedagogias celebrativas da natureza ontologicamente queer do mundo mais-que-humano que



somos e que habitamos, propondo, hoje mais do que nunca, caminhos sensíveis e dissidentes diante dos desafios de nossa realidade socioambiental profundamente marcada pelo antropocentrismo.

REFERÊNCIAS

ADSIT-MORRIS, C.; GOUGH, N. Queer speculation and the affective possibilities of other-than-human pedagogies. **Environmental Education Research**, v. 27, n. 3, p. 372–386, 2021.

ANDRADE DA SILVA, C. et al. Marcos de teorías poscríticas para repensar la investigación en educación ambiental: la experiencia estética y la subjetividad en la formación de profesores y educadores ambientales. **Pensamiento Educativo, Revista De Investigación Latinoamericana**, v. 57, n. 2, p. 1–17, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.7764/PEL.57.2.2020.1>.

AHMED, S. **Queer phenomenology: Orientations, objects, others**. Durham: Duke University Press, 2006.

BAZZUL, J.; SANTAVICCA, N. Thinking about subjectivity and science education: Reimagining the subject through queer theory. **Cultural Studies of Science Education**, v. 12, p. 535–542, 2017.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J. **Narrar la educación: La investigación biográfico-narrativa en el ámbito educativo**. Granada: Editorial GEU, 2016.

BRUNER, J. **Actual minds, possible worlds**. Cambridge: Harvard University Press, 1987.

BRUNER, J. The narrative construction of reality. **Critical Inquiry**, v. 18, n. 1, p. 1–21, 1991.

CURIEL, O. La nación heterosexual: análisis del discurso jurídico y régimen heterosexual desde la antropología de la dominación. Bogotá, D.C.: **Brecha Lésbica; En la frontera**, 2013. 197 p.

GAARD, G. Toward a queer ecofeminism. **Hypatia**, v. 12, n. 1, p. 114–137, 1997.

GARRARD, G. **Ecocriticism**. 2. ed. Londres: Routledge, 2010.

GOUGH, A.; RUSSELL, C.; PARKER, J. (Org.). **Queer ecopedagogies: Explorations of nature, sexuality, and education**. Cham: Palgrave Macmillan, 2021.



GOUGH, A.; RUSSELL, C.; WHITEHOUSE, H. Queering environmental education research. **Canadian Journal of Environmental Education**, v. 8, n. 1, p. 54–66, 2003.

GOUGH, A.; WHITEHOUSE, H. The future for environmental education research: A Queer turn? **Australian Journal of Environmental Education**, v. 35, n. 3, p. 179–189, 2019.

GOUGH, N. Thinking about thinking with theory: The application of theoretical frameworks to environmental education research. **Canadian Journal of Environmental Education**, v. 18, p. 9–20, 2013.

HUSSERL, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica – Livro I*. Tradução de José Nilo Salgado. Petrópolis: **Vozes**, 2006. (Obra original de 1913–1917).

IARED, V. G. **A experiência estética no Cerrado para a formação de valores estéticos e éticos na educação ambiental**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

KAISHIAN, P.; DJOULAKIAN, H. The science underground: Mycology as a queer discipline. **Catalyst: Feminism, Theory, Technoscience**, v. 6, n. 2, p. 1–28, 2020.

MAINÁ-OKORI, N.; HARDMAN, M.; AWÉ, C. Decolonizing research in environmental education: A postcolonial approach to civic science. **Environmental Education Research**, v. 24, n. 3, p. 359–372, 2018.

MENDIZABAL CASTILLO, D.; GONZÁLEZ GAUDIANO, E. J. Contranatura: convergencias y divergencias entre la teoría cuir y el pensamiento ambiental. **Tramas y Redes**, n. 5, p. 343–359, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.54871/cl4c500h>.

MERLEAU-PONTY, M. **A natureza: Notas de curso no Collège de France**. Tradução de V. M. Filizola. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MORTIMER-SANDILANDS, C.; ERICKSON, B. (Org.). **Queer ecologies: Sex, nature, politics, desire**. Bloomington: Indiana University Press, 2010.

MORTON, T. **Ecology without nature: Rethinking environmental aesthetics**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2007.

MORTON, T. **The ecological thought**. Cambridge: Harvard University Press, 2010.



MUÑOZ, J. E. **Disidentifications: Queers of color and the performance of politics**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

PAYNE, P. G. (2013). (Un)timely ecophenomenological framings of environmental education research. In: STEVENSON, R. B.; BRODY, M.; DILLON, J.; WALS, A. E. J. (Eds.). **International Handbook of Research on Environmental Education**. Londres/New York: Routledge, p. 424–437.

RICH, S. et al. Navigating the Terrain of Lived Experience: The Value of Lifeworld Existentials for Reflective Analysis. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 12, p. 498-510, 2013.

RUSSELL, J. Queering environmental education. **Canadian Journal of Environmental Education**, v. 7, n. 1, p. 54–66, 2002.

RUSSELL, J. A. **Queering environmental education**. 2013. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – University of Toronto, Toronto, 2013.

RUSSELL, J. Ecopedagogias queer: outros corpos, outras naturezas. In: GOUGH, A.; RUSSELL, J.; PARKER, J. (Org.). **Queer ecopedagogies: Explorations of nature, sexuality, and education**. Cham: Palgrave Macmillan, 2021. p. 15–34.

STAPLETON, S. R. Environmental identity development: The influence of environmental education and sustainability education on youth. **Environmental Education Research**, v. 26, n. 4, p. 527–542, 2020.

TOADVINE, T. **Merleau-Ponty's philosophy of nature**. Evanston, IL: Northwestern University Press, 2009.

VAN MANEN, M. **Researching Lived Experience. Human Science for an Action Sensitive Pedagogy**. London, ON: The Althouse Press, 1997.

VILLEGAS SALAS, L. I.; MENDIZABAL CASTILLO, D. (2025). Práticas autonarrativas en clave intercultural. **Editorial Universidad Veracruzana**.

VILLEGAS, L. Reconfiguração del mandato de masculinidad en la figura parental en textos autoficcionales de Marcos Giralt Torrente, Guadalupe Nettel y Jeanette Winterson. **Escritos**, v. 31, n. 66, p. 126-143, 2023. Disponível em: <http://doi.org/10.18566/escr.v31n66.a08>.

